O emprego que nascerá: quando o ciclo geracional se transforma em um circuito econômico

Uma nova leitura das relações entre demografia, consumo, trabalho e sustentabilidade intergeracional

AINU.Systems Research — Narayama Systemic Project

O debate sobre o declínio da fecundidade costuma partir de uma pergunta demográfica: quantas pessoas nascerão nas próximas décadas e qual será o impacto dessa redução sobre o envelhecimento populacional? É uma questão fundamental, mas talvez insuficiente para compreender a dimensão econômica do fenômeno.

Existe outra pergunta, menos explorada: o que acontece com a economia quando nascem menos pessoas que, ao longo de suas vidas, consumirão, trabalharão, produzirão, formarão novas famílias e sustentarão as gerações anteriores?

O estudo *O emprego que nascerá: ciclo geracional, URSS e retorno do investimento parental em Costa Rica, Coreia do Sul e Itália*, desenvolvido pelo AINU.Systems Research, parte dessa perspectiva. Seu objetivo é investigar como a formação de novas gerações se relaciona com a demanda interna, a geração potencial de empregos, a renda do trabalho e a sustentabilidade econômica das diferentes coortes etárias.

A hipótese central é que a continuidade de uma sociedade não depende apenas da existência de novas gerações. Depende também da capacidade de fechar um circuito econômico e social no qual os custos de formação, os benefícios da produção e as transferências entre gerações encontrem condições de equilíbrio.

Três gerações, um único sistema

O estudo organiza a população em três grandes coortes: Descendentes, Estruturadores e Ascendentes.

Os Descendentes representam a geração em formação. Desde o nascimento, incorporam novas necessidades de alimentação, habitação, saúde, educação, transporte e cuidado. São novos consumidores e, portanto, participantes da demanda econômica, mesmo antes de ingressarem no mercado de trabalho.

Os Estruturadores representam a geração que concentra a atividade produtiva e assume grande parte dos custos financeiros e materiais da formação dos Descendentes. São trabalhadores, produtores, contribuintes e responsáveis por uma parcela expressiva das transferências privadas e públicas que sustentam as demais coortes.

Os Ascendentes representam as gerações que avançaram na trajetória de vida e cuja manutenção depende, em diferentes graus, das transferências, da renda acumulada, das instituições e da disponibilidade de cuidadores.

Essas três categorias não devem ser entendidas como compartimentos isolados. São movimentos interdependentes de um mesmo sistema. Os Descendentes de hoje serão os Estruturadores de amanhã; os Estruturadores de hoje se tornarão Ascendentes; e a geração seguinte precisará encontrar condições para dar continuidade ao circuito.

A representação visual proposta para o estudo deriva da identidade AINU-NARAYAMA: um símbolo contínuo, inspirado no infinito, com três movimentos circulares articulados. A intenção é mostrar que a sustentabilidade geracional não está em nenhuma das coortes isoladamente, mas nas relações que as conectam.

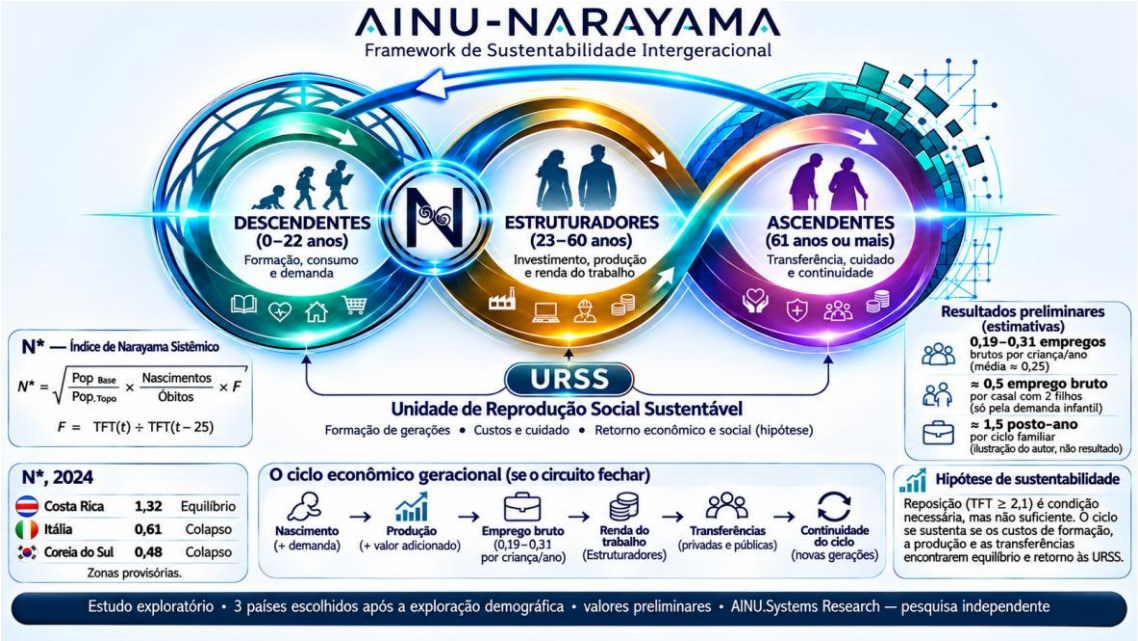


Figura 1. Framework AINU-Narayama: três coortes, URSS e ciclo econômico geracional. Os valores são preliminares e ilustrativos (ver ressalvas no texto) e as zonas do N são provisórias. Imagem gerada com ferramenta de inteligência artificial, sob revisão do autor. Fonte: AINU.Systems Research (elaboração do autor).*

Do nascimento à geração de empregos

A premissa econômica do trabalho é relativamente simples: cada nascimento adicional introduz um novo consumidor na economia. Esse consumo movimenta setores produtivos e pode sustentar postos de trabalho.

Para investigar essa relação, o estudo combina perfis de consumo por idade, provenientes das National Transfer Accounts (NTA), com tabelas internacionais de insumo-produto da OCDE e indicadores de emprego da Organização Internacional do Trabalho.

A cadeia de transmissão examinada parte do nascimento adicional, passa pelo consumo final e pela produção doméstica e chega à estimativa de empregos associados à demanda.

Os cálculos preliminares indicam que cada criança adicional pode sustentar aproximadamente entre 0,19 e 0,31 empregos brutos por ano, considerando os três países analisados. A média aproxima-se de 0,25 posto de trabalho por criança.

Em uma família com dois filhos, isso representa cerca de meio posto de trabalho associado apenas à demanda infantil. Quando se considera a permanência dos pais na coorte de Estruturadores durante um período muito mais longo, o ciclo econômico associado à família aproxima-se, como ordem de grandeza ilustrativa proposta pelo autor, de 1,5 posto-ano de trabalho ao longo do tempo (e não de 1,5 empregos simultâneos).

Esses números não significam que cada nascimento produza automaticamente um emprego novo. São estimativas de emprego bruto potencial associado à demanda, sob hipóteses específicas. A substituição de gastos, a capacidade ociosa, as restrições de oferta e os efeitos de deslocamento precisam ser considerados para estimar o emprego líquido.

Ainda assim, a relação aponta para uma dimensão importante: a redução dos nascimentos não representa somente uma alteração na estrutura etária. Também modifica a composição futura da demanda interna e a base de consumidores que movimenta a economia.

Três países, três trajetórias

A pesquisa compara Costa Rica, Itália e Coreia do Sul, escolhidas depois da exploração demográfica inicial. A seleção permite observar sociedades em posições demográficas distintas, mas é descritiva e não autoriza generalizações.

Em 2024, os valores observados do Índice de Narayama Sistêmico (N*) utilizados no estudo eram 1,32 para a Costa Rica, 0,61 para a Itália e 0,48 para a Coreia do Sul. Assim, a Costa Rica aparece na zona de equilíbrio definida pelo modelo, enquanto Itália e Coreia do Sul se encontram na zona de colapso. Essas zonas são provisórias.

O trabalho também simula um cenário denominado Meta, no qual a taxa de fecundidade total converge linearmente para 2,1 ao longo de 25 anos, permanecendo nesse patamar posteriormente.

Na projeção para 2099, a Itália alcança N* de 1,01, a Coreia do Sul chega a 0,90 e a Costa Rica termina em 0,88. A comparação mostra que uma recuperação da fecundidade pode atenuar a deterioração demográfica, mas não garante, isoladamente, o retorno às condições anteriores.

Há também uma dimensão temporal. A recomposição das coortes não ocorre imediatamente. Uma criança que nasce hoje só ingressará na população economicamente ativa muitos anos depois. Nesse intervalo, os custos de formação são assumidos enquanto os benefícios produtivos futuros ainda não estão disponíveis.

É nesse intervalo que aparece uma das questões mais importantes do estudo: quem financia a transição e quem recebe o retorno?

O investimento parental e o problema do retorno

A formação de uma nova geração exige recursos financeiros, tempo, trabalho doméstico e serviços de cuidado. Uma parte importante desse esforço é realizada pelas famílias, especialmente pelos Estruturadores.

O caso da Costa Rica oferece uma observação particularmente relevante. Segundo as contas NTA de 2013 utilizadas no estudo, 61,4% do consumo dos Descendentes era financiado por transferências privadas, enquanto 26,3% era financiado por transferências públicas.

Isso significa que uma parcela expressiva do custo monetário da formação das novas gerações é sustentada diretamente pelas famílias.

Entretanto, quando os Descendentes ingressam na vida produtiva, sua contribuição passa a integrar uma economia mais ampla. A produção, os impostos, os serviços e os benefícios associados à atividade econômica não retornam necessariamente, de maneira proporcional, às unidades familiares que financiaram sua formação.

O estudo as denomina Unidades de Reprodução Social Sustentável (URSS), destacando que sua função não depende exclusivamente de seus integrantes estarem empregados. O ponto central é reconhecer a unidade que realiza o investimento social e material necessário à continuidade das gerações.

Surge, assim, uma questão de sustentabilidade: se o investimento é concentrado nas famílias, mas os benefícios posteriores são distribuídos coletivamente, quais mecanismos podem garantir uma contrapartida adequada a quem assume o custo inicial?

Não se trata de reduzir a formação de pessoas a uma operação financeira, nem de estabelecer que os filhos devam representar uma fonte de remuneração para os pais. Trata-se de reconhecer que a reprodução social possui custos reais e que sua distribuição afeta as condições de continuidade do próprio sistema econômico.

O que a contabilidade econômica ainda não mostra

Uma contribuição importante do trabalho é incorporar à discussão a produção não remunerada e o regime de cuidado.

As contas econômicas convencionais registram transações monetárias, mas não capturam integralmente os serviços realizados dentro das famílias. O cuidado infantil, a assistência a pessoas idosas, a preparação de alimentos e outras atividades domésticas representam trabalho efetivo, ainda que não sejam remunerados.

A literatura latino-americana de NTA já registra o que fica de fora dessa contabilidade monetária. Rosero-Bixby (2011) aplicou as NTA a cinco países da região, entre eles a Costa Rica, para examinar os efeitos do envelhecimento populacional. Jiménez-Fontana (2015), com a metodologia NTA, mostrou que as contas nacionais não medem o tempo dedicado à produção não remunerada, que não tem compensação monetária explícita e é parte do custo real de cuidar dos outros. Filgueira e Martínez Franzoni (2019) analisaram o caráter socialmente desigual do regime de cuidado.

Essas contribuições ajudam a ampliar a interpretação dos resultados. O custo da formação de uma geração não se limita ao dinheiro transferido. Inclui também o tempo e o trabalho de quem cuida.

Quando essa dimensão não é incorporada, a contabilidade tende a subestimar o esforço efetivamente realizado pelas famílias. O resultado é uma representação incompleta do investimento geracional.

O circuito precisa se fechar

A principal conclusão do estudo é que a recuperação demográfica, por si só, não garante a sustentabilidade econômica e social das gerações.

O nascimento de novos consumidores pode movimentar a demanda e sustentar empregos potenciais. O ingresso desses indivíduos na vida produtiva pode ampliar a renda agregada e a capacidade de financiamento das sociedades. Mas esse processo depende de condições institucionais, produtivas e distributivas que permitam atravessar o intervalo entre o investimento inicial e os retornos futuros.

A sustentabilidade exige que os três movimentos — formação, produção e transferência — permaneçam articulados. Se os custos recaem excessivamente sobre os Estruturadores e suas URSS, sem mecanismos de valorização e retorno, o próprio processo de formação das gerações pode perder sustentação.

A imagem do infinito de três movimentos proposta para representar o modelo procura traduzir essa ideia: nenhuma geração existe de maneira independente das outras. Cada uma recebe condições produzidas anteriormente e, ao mesmo tempo, participa da construção das condições que serão transmitidas adiante.

O trabalho encontra-se em desenvolvimento. Os resultados de emprego e valor adicionado são preliminares, e as estimativas de emprego líquido e poupança por coorte ainda precisam ser concluídas. A amostra de três países é exploratória, e as projeções demográficas não constituem demonstrações causais. Essas limitações delimitam o alcance das conclusões e orientam as próximas etapas da investigação.

A questão que permanece é maior do que a taxa de fecundidade ou o envelhecimento populacional: **que condições econômicas e institucionais permitem que uma sociedade continue formando as gerações das quais dependerá seu próprio futuro?**

O emprego que nascerá não é apenas aquele que será ocupado pelos indivíduos que ainda não nasceram. É também o emprego que sua existência, seu consumo e sua futura participação produtiva poderão sustentar.

Mas, para que esse futuro se concretize, o circuito precisa funcionar hoje.

Formar gerações, produzir riqueza, transferir recursos e reconhecer o investimento social: quatro dimensões de um mesmo desafio de sustentabilidade intergeracional.

Baseado em: Muarrek, Itiberê L. G. C. (2026). *The job that will be born: generational cycle, URSS, and return on parental investment in Costa Rica, South Korea, and Italy*. AINU.Systems Research — Narayama Systemic Project, working paper, versão 2.7, 17 de novembro de 2026. Zenodo. https://doi.org/10.5281/zenodo.24326808 (título original em português: O emprego que nascerá: ciclo geracional, URSS e retorno do investimento parental em Costa Rica, Coreia do Sul e Itália; o texto integral depositado está em inglês).

Ferramentas de inteligência artificial foram usadas para tradução, geração de imagens e correção de linguagem, sob revisão do autor.